

AS METAMORFOSES NO MUNDO DO TRABALHO E CRISE E PERSPECTIVAS DO MOVIMENTO OPERÁRIO-SINDICAL

José de Lima Soares¹

Palavras-chave: Trabalho, sindicalismo, reestruturação produtiva.

Resumo - Expandido

As grandes mudanças no mundo do trabalho, a reestruturação produtiva, impostas pelo capital - ao longo dos anos 1990/2000 - encontram sua expressão maior na dialética lei do desenvolvimento desigual, combinado e contraditório das sociedades contemporâneas e mediadas por um intenso processo de globalização capitalista (Ianni, 1992). Nesse contexto, de acordo com Ramalho (1997), tanto nos países centrais como nos periféricos, a situação das classes trabalhadoras e de suas entidades de classe trazem, respectivamente, as marcas de origem da exclusão social, do desemprego estrutural, superexploração do trabalho, da precarização e do que se convencionou chamar de a crise do sindicalismo.

Segundo Ramalho (1997), o processo de reestruturação produtiva no Brasil repete outras experiências do mundo industrializado no que diz respeito aos modos de intensificação e exploração do trabalho e à redução de direitos conquistados pelos trabalhadores ao longo do século. Os problemas do sindicalismo, diante das novas formas de gestão da produção, da 'terceirização' e da precarização do trabalho não são muito diferentes daqueles que se colocam para os sindicatos em outros países. No entanto, o movimento sindical brasileiro conseguiu um lugar de proeminência no cenário político e econômico dos últimos anos. De modo paradoxal enfrenta a crise trazida pela reestruturação com um certo poder de barganha obtido por meio das lutas e greves de um passado recente e com um ainda surpreendente poder de pressão para negociar alternativas às atuais formas de desenvolvimento econômico e apoiar projetos políticos que tratem dos problemas estruturais de desigualdade social no país" (Ramalho, 1997: 85-86).

¹Prof. Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFG – Campus Catalão, é autor dos livros *O PT e a CUT nos anos 90: Encontros e Desencontros de duas trajetórias* (Fortium, 2005) e de *Sindicalismo no ABC Paulista, Reestruturação Produtiva e Parceria* (Universa, 2006).

Assim, as categorias de trabalhadores mas bem organizadas e mobilizadas tendem a conseguir os melhores acordos, criando um fosso entre os trabalhadores em tempo parcial, terceirizados, precarizados e os mais bem pagos e especializados, prevalecendo com isso os interesses de uma força de trabalho mais estável, os sindicalizados etc. Enquanto isso, reforça-se a exclusão social de parcelas significativas de trabalhadores, o que implicará na quebra da unidade e da solidariedade de classes.

Para Boito Jr. (1994), a heterogeneidade das classes trabalhadoras é muito grande. Atributos como estar ou não estar empregado, possuir ou não possuir registro em carteira, trabalhar no setor oligopolizado da economia ou no setor concorrencial e outros são responsáveis por uma desigualdade socioeconômica muito grande no universo da força de trabalho ativa do país. A tendência ao neocorporativismo tem sido uma constante nos setores mais bem pagos e com maior poder de pressão das classes trabalhadoras. Esses setores tendem a se descolar do restante do movimento, isto é, a se isolar das demais categorias profissionais ou, o que é mais comum, a se isolar dos demais setores que fazem parte de sua categoria legal e de seu sindicato oficial. Esse é o caso do operariado da indústria automobilística frente aos sindicatos de metalúrgicos e dos empregados de bancos estatais mais poderosos, como Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal frente aos sindicatos de bancários (Boito Jr., 1994: 25).

Com isso, inúmeros desafios se colocam para o movimento operário e para o sindicalismo, em geral. Nesse sentido, algumas indagações levantadas por Antunes (1997a) e Soares (2006) parecem ter bastante pertinência:

- Serão capazes, os sindicatos, de romper com a enorme barreira social que separa os trabalhadores estáveis, em processo franco de redução, daqueles trabalhadores em tempo parcial, precarizados, presentes na chamada 'economia informal', em significativa expansão no presente cenário mundial? Serão capazes de organizar os desorganizados, os terceirizados, e com isto inverter as taxas de dessindicalização, presentes nas principais economias capitalistas?

- Serão capazes de romper com o novo corporativismo (ou seja, não se trata de um corporativismo estatal, tão vigente nas relações entre capital e trabalho, mas sim de um neocorporativismo societal, excludente, parcializado e que preserva e acentua o caráter fragmentado das classes trabalhadoras), que defende exclusivamente suas respectivas categorias pro fissionais, abandonando ou diminuindo fortemente os seus conteúdos mais acentuadamente classistas? Do mesmo modo, serão capazes de romper com os movimentos xenófobos, ultranacionalistas, com apelo ao racismo e as ações contra os trabalhadores oriundos dos países subordinados, do chamado Terceiro Mundo?
- Serão capazes de romper com a tendência crescente da excessiva institucionalização e burocratização, que tão fortemente tem marcado o movimento sindical em escala global e que o distancia das suas bases sociais, aumentando ainda mais o fosso entre as instituições sindicais e os movimentos sociais autônomos?
- Seguindo a lógica do desenvolvimento desigual, combinado e contraditório do capitalismo, os sindicatos serão capazes de reverter a tendência, desenvolvida a partir do toyotismo, hoje também avançando em escala global, que consiste em reduzir a ação sindical ao âmbito exclusivamente fabril, ao chamado sindicalismo de empresa, mais vulnerável e atado ao comando patronal?
- Serão capazes de romper a barreira, imposta pelo capital, entre luta sindical e luta parlamentar, entre luta econômica e luta política, articulando e fundindo as lutas sociais, extra parlamentares, que dão as ações de classe, com as suas ações no âmbito da institucionalidade, que são importantes, mas claramente secundárias em relação as primeiras?

Ao longo deste trabalho, pretendemos apreender os aspectos centrais das mudanças no mundo do trabalho - bem como a crise do movimento operário e sindical - decorrentes de um intenso processo de globalização e de mundialização do capital. Este processo tem atingido, em cheio, a sociedade contemporânea. É

possível observar que uma vasta gama de fatores acabaram influenciando essas grandes mudanças que, de uma forma ou de outra, passaram a incidir diretamente sobre a sociedade do trabalho. Assim, alguns aspectos dessa abordagem já foram compreendidos e bem delineados por pesquisadores como Jácome Rodrigues (1997; 1999), Giovanni Alves (2000), Antunes (1999; 2009), Ricardo Ramalho e Marco A. Santana (1997; 2003; 2004), Soares (2005; 2006), entre tantos outros.

Tomando como referência o atual contexto da globalização capitalista, Iran Jácome Rodrigues (1997), ao analisar as tendências e desdobramentos das mudanças no mundo do trabalho, a crise do padrão de acumulação taylorista-fordista, a reestruturação produtiva e a precarização do trabalho, levanta as seguintes questões:

- O processo de globalização econômica estaria criando as condições para um novo paradigma do trabalho. A experiência japonesa, por exemplo, bem como outros casos mais recentes, apontariam tendências de substituição da produção em massas para um novo tipo de organização econômica e do trabalho baseadas na produção flexível;
- O antigo modelo taylorista-fordista está vivendo uma crise em decorrência do surgimento de um novo sistema de produção, que se caracteriza por: descentralização do processo de produção; terceirização generalizada; diminuição dos níveis hierárquicos nas empresas; organização econômica baseada em redes; inovações na microeletrônica e na área de telecomunicações e demais inovações tecnológicas e organizacionais poupadoras de mão-de-obra;
- Essas transformações econômicas vêm ocasionando um agravamento da crise fiscal, obrigando a um redimensionamento do papel e das funções do Estado na sociedade moderna;
- Essas profundas mudanças na organização econômica implicam alterações no papel do trabalho na sociedade contemporânea levando, por extensão, a uma crise sem precedentes do sindicalismo internacional;